

16. Agosto. 1962 - 5ª Feira

Foi ontem à noite...
A chuva abcada instantaneamente surgia e desaparecia.

Só mesmo quem tinha necessidade de sair de sua casa, havia arriscado uma caminhada noturna.

Os cinemas, tão logo terminaram as suas funções, cerraram as suas portas e os assistentes apressadamente dirigiram-se para as suas residências.

Os bares estavam quase que desertos.

A lua, envergonhada por presenciar chuva durante o mês de agosto, cobria o seu rosto com nuvens grossas e cinzentas.

No céu, estrela alguma havia para observar o vexame que a lua passava.

De vez em quando, um clarão mais forte anunciava um relâmpago nos céus de Jacarezinho.

E o trovão, forte e poderoso, em seguida aparecia, ameaçador e destruidor.

E instantes após, a chuva tornava a cair, molhando a cidade sedenta de água ...

Poucos carros ainda transitavam pelas ruas. Um ou outro mais retardatário passava velozmente, espirrando água nas calçadas...

Homens com calças salpicadas de barro e um jornal sobre a cabeça, subiam rapidamente a rua Paraná ...

Súbito, uma estranha figura chamou a atenção dos poucos que ainda se encontravam nas ruas ...

Com um "Sete Vidas" nos pés, a calça azul-marinho um pouco curta, deixando aparecer por baixo um calção de pijama, uma camisa inteiramente desabotoada e rôtã e o paletó bem molhado, sem uma coberta sequer, sem ao menos um pedaço de papel para cobrir a cabeça e lhe proteger da chuva que já tornava a cair, ele apareceu subindo a rua Paraná ...

Faltavam poucos minutos para a meia noite ...

Com passos ligeiros, como há muitos não o víamos, ele passou defronte a Quitandinha do Oswaldo sem olhar para os lados ...

Mais adiante, um pequeno escorregão no chão molhado, não o tirou de sua marcha firme e de seu andar compassado...

E ele prosseguiu em sua caminhada, perdendo-se na escuri

dão da noite, sem talvez ter percebido que atrás de si deixara muita gente imaginando no que fora sua vida antes, muito antes de começar a beber, e no que eram agora os seus dias, dias iguais um ao outro, separados apenas por uma noite, uma noite cheia de álcool, o mesmo álcool que era o seu único companheiro desde que num dia, há tanto tempo, sua mulher lhe abandonou ...

Se mesmo quem tinha necessidade de sair de casa, não via sentido em continuar dentro.

Os cinemas, tão logo terminavam as suas funções, cortavam as suas portas e os visitantes apresentavam dificuldades para as suas residências.

Os bares estavam quase que desertos.

A lua, envigorada por presença chova durante o dia de agosto, cobria o seu rosto com nuvens grossas e cinzentas.

No céu, estrelas algumas havia para observar o vazio das luas passadas.

De vez em quando, um claro mais forte aparecia no espaço nos céus de Jacaré.

E o trovão, forte e poderoso, em seguida aparecia, a seguir e destruidor.

E instantes após, a chuva tornava a cair, molhando a cidade e a gente de água ...

Longos carros ainda transitavam pelas ruas. Um ou outro mais lentamente passava velozmente, espalhando água nas calçadas ...

Homens com calças molhadas de barro e um jornal sobre a cabeça, andavam rapidamente a sua procura ...

Alto, uma estranha figura passou a passos largos que ainda se encontravam nas ruas ...

Com um "Bate Vidro" nos pés, a chuva ali-aliando no meio do ar, deixando aonde quer que o vento de água e chuva, uma chuva intensamente desbotada e forte e o calor do sol molhado, um calor quente e quente, um calor de fogo de papel para cobrir a cabeça e um protetor de chuva que já tornava a cair, ele apareceu molhado e suado ...

Estavam poucos minutos para a meia noite ...

Com passos ligeiros, como um molho de água e vento, ele parou de repente a caminhada do Cavaleiro sem olhar para trás ...

Não obstante, um pequeno esvaziamento no chão molhado, o tipo de uma molha límbica e de uma molha corrompida ...

E ele prosseguiu em sua caminhada, pensando-se no futuro